

## Os diários de Carolina Maria de Jesus

The diaries of Carolina Maria de Jesus

**Luiza Rodrigues Mansur da Silva<sup>1</sup>**

Carolina Maria de Jesus foi uma mulher negra, mãe solo, imigrante e favelada, nascida em torno de 1914 na cidade de Sacramento, localizada em Minas Gerais. Falecida em 13 de fevereiro de 1977, ela viveu uma infância complexa e já depois de adulta se mudou para a favela do Canindé, próxima das margens do Rio Tietê em São Paulo. Sua primeira migração ocorreu para trabalhar como doméstica. Com o tempo, perdeu o emprego e se tornou catadora de papel e de tudo aquilo que podia encontrar na rua e vender para garantir sua sobrevivência e a de seus três filhos: Vera Eunice, José Carlos e José.

A autora escreveu diários que foram posteriormente reunidos sob o título *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), nome que segundo ela caracteriza a favela, lugar que considerava o próprio inferno devido aos problemas sociais que possui. Descreveu a cidade como a “sala de visita” e as comunidades marginalizadas, como a que vivia, como os locais reservados pelo sistema para as pessoas pobres, injustiçadas e tidas como depravadas socialmente se recolherem e viverem suas vidas renegadas pela sociedade. Lutando, literalmente, para sobreviver.

Seus diários apresentam-se, acima de tudo, como grandes denúncias das condições de extrema pobreza que viviam e até hoje vivem milhões de pessoas no Brasil. Neles, Carolina desnuda o universo favela, contando como as pessoas que vivem ali são muito diferentes entre si e compartilham tanto afetos quanto desafetos. Contudo, sua obra não se resume a isso, pois também revela um importante mecanismo que ela encontrou para continuar resistindo às intempéries da vida: o registro da contemplação e da amargura, a poesia em suas diversas facetas... A escrita reflexiva e desconfiada sobre o mundo.

Escrevia nas horas vagas, como bem diz ao longo de seus escritos, entre estresses motivados pelos acontecimentos diários, insônias pelos burburinhos do bairro, questões com seus filhos e amantes, pela fome e pelas novidades que surgiam. Sua escrita foi decisiva para que saísse das péssimas condições da favela, conforme seu intuito ao procurar editoras nacionais e internacionais que a aprovassem e quisessem publicá-la em troca de melhores condições de vida. Após várias

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa. *E-mail*: luiza.mansur@ufv.br

tentativas frustradas, conheceu Audálio Dantas, um jornalista que viu um grande potencial revelador em sua obra a partir de uma reportagem que preparava nos arredores de sua comunidade, e que resolveu trabalhar com ela e editar seus escritos para tentar uma publicação que ocorreu em 1960.

Apesar de não ter tido um reconhecimento duradouro devido ao apagamento cotidiano de escritoras negras e pobres do cenário literário, bem como dos cenários que trazem qualquer tipo de prestígio social, Carolina, em seus diários reunidos de 15 de julho de 1955 à 01 de janeiro de 1960 dedicados aos seus netos e que foram traduzidos para várias outras línguas, mostra-nos a partir de sua própria experiência as nuances mais profundas da perspectiva de uma favelada sobre a favela e a fome que penetra as pessoas, enlouquecendo-as e as fazendo desejar até mesmo a própria morte e a de seus filhos.

A favela é ilustrada como um ambiente extremamente hostil, onde muita gente sobrevive do lixo e também no meio dele, junto com outros animais não humanos que também o procuram para conseguir os restos dos outros na tentativa de se manterem de pé. Nela, não há “apenas” miséria, sofrimento e violência, apesar da ênfase dada pela autora sobre esses temas, mas também diversas manifestações culturais que desempenham papéis tanto geradores de conflito, quanto também apaziguadores e de reforço à solidariedade e ao compartilhamento mútuo motivados, por sua vez pela estrutura precária, mesmo apesar da desorganização coletiva devido ao frequente desespero pela vida.

*Quarto de Despejo* conta-nos como o estado chega em locais periferizados na maior parte das vezes de forma repressiva, para punir as atitudes e condutas estigmatizadas e associadas a certa vadiagem vinculada à favela e a negritude que a habita, como a de crianças perambulando ou indo procurar restos de alimentos, pessoas festejando e fazendo barulho, bem como para controlar brigas entre homens, bêbados e espancamentos de mulheres que surgem e são denunciados pelos próprios moradores. Quando não chega a partir da repressão, o estado acaba por se tornar esporadicamente presente através de políticos que querem se eleger às custas do que Carolina chama de esmolas para o pobre, que envolvem na maior parte das vezes o oferecimento de comida e roupas em troca de apoio político.

Um ponto interessante tocado no livro é o de que as pessoas não moram na favela por livre e espontânea vontade, preguiça de trabalhar ou algo do gênero, como muitas pessoas superficialmente acreditam, mas por precisarem, por ser apenas esse lugar que resta a elas, ou por já terem nascido naquelas condições. Dessa forma, as denúncias empreendidas pela autora em sua obra vão desde sua constante insatisfação com o comportamento de seus conterrâneos os quais ela julga perversos e são atravessados por regionalidades distintas que se mesclam e se traduzem em práticas coletivas, até sobre como não importa o quanto o pobre trabalhe, sua vida e a de seus descendentes sempre

será condenada em alguma medida pela miséria reservada socialmente a ele e vivida por seus antepassados.

Diariamente, Carolina saía para tentar arrumar dinheiro para sustentar seu dia e o de seus filhos, mas quase sempre conseguia muito pouco através da venda dos papéis que catava, além de sempre perceber os olhares atravessados a sua figura, carregados de preconceitos como o racismo e a falta de empatia e consciência de classe para com a pobreza. Frequentemente sua família não possuía nem comida nem sapatos, e ela descreve seu barraco e a si mesma como quase sempre sujos por falta de recursos e tempo para mantê-los melhor. Nessas idas e vindas, quando conseguia dinheiro ficava cantarolante e alegre por saber que poderia oferecer algo aos seus filhos, mas na maioria das vezes estava muito cansada, abatida, triste e estressada por trabalhar tanto e conseguir tão pouco.

Ela demonstra ter bastante consciência de sua condição de mulher negra e favelada, e por várias vezes mostra no livro que gostaria de ter nascido homem para que não precisasse passar por certas situações. Além disso, registra que o sonho e a poesia são praticamente como ferramentas de fuga, onde ela pode descansar da realidade e depositar todas as suas frustrações e também desejos os quais um dia aspirava abandonar e alcançar, respectivamente, com a publicação de seus diários reunidos.

A favela, segundo a autora, a observava como quem pintava a comunidade de forma negativa e como quem expunha os favelados e estava sempre fazendo denúncias sobre eles através da polícia, da mídia e de outras instituições como a do serviço social, as quais a desapontava bastante, mas que ela ainda parecia apostar e ver como seu direito de cidadã, mesmo que marginalizada socialmente e quase sempre descrente sobre o mundo. Para Carolina, cobrá-las a eficiência na esperança da igualdade era importante e necessário, pois pensava que o povo não sabia se revoltar apesar de citar a revolução como um imperativo frente o aumento dos preços.

Mesmo diante das vulnerabilidades sociais, Carolina também possuía seus próprios preconceitos com outros imigrantes, ciganos, mulheres e negros. Quase sempre atribuía aos dois primeiros os *status* de violentos e ambiciosos. Às mulheres via sempre como barraqueiras ao descrever seus comportamentos na fila diária e eterna para pegar água de manhã, e aos próprios negros como causadores de confusão, ao mesmo tempo que dizia amar ser negra e que negros não eram ambiciosos como os “portugueses”, os quais enxergava como sem “[...] educação. São obscenos, pornográficos e estúpidos. Quando procura uma preta é pensando explorá-la. Eles pensam que são mais inteligentes que os outros.” (p. 93).

Recebia algumas doações por não poder recusá-las devido ao “custo dos gêneros alimentícios” e trocava coisas com seus vizinhos solidariamente, porém questionava e criticava

sempre a caridade católica e vinda de políticos, pois em sua opinião ela apenas servia para cobrir aparentemente problemas que não eram alvos de interesses das autoridades de resolver, o que segundo ela afastava mais ainda as pessoas do apreço à vida pública e da reflexão sobre como vivem e podem se organizar.

Um aspecto interessante de seu pensamento é o de observar os trabalhadores operários e os pobres como a parte da população que paga todas as contas dos que vivem com maior qualidade de vida, mas que mesmo assim vivem em condições de quase escravidão (p. 108), o que demonstra uma consciência de classe, mesmo que recheada de contradições plausíveis frente tantos atravessamentos, como é possível compreender através da leitura de seu livro.

Carolina falava muito bem sobre o terror da fome, das várias vezes que sentia raiva de ter de comer coisas estragadas mesmo com tanto desperdício no mundo, e criticava não só as práticas de seus vizinhos que via como animais e corrompedoras de jovens, como também a de políticos sanguessugas, comerciantes e instituições que acreditava trabalhar mais contra as pessoas que a favor. Porém, também admirava e descrevia a música, o conhecimento, a natureza, a arquitetura, a brisa dos dias, os cantos coletivos, alguns gêneros de livros, a possibilidade da boa infância, os belos tecidos e as boas refeições e cheiros, alguns homens que se deixava envolver de vez em quando, dentre outras coisas e processos da vida como a bondade de alguns amigos que provinham para ela e seus filhos quando ela não podia, assim como também fazia com eles nos momentos de menor escassez.

Seu enorme coração, do tamanho do mundo e expresso nas várias páginas de *Quarto de Despejo*, guardava um universo de sentimentos e aspirações que infelizmente foram quase sempre suprimidos ao longo de sua luta para continuar existindo e cuidando de seus filhos, os quais prezava tanto pela educação e se preocupava, mesmo que às vezes reclamasse de tê-los arranjado com homens que não acreditava serem bons o bastante para si. Seu desapego perante as coisas e pessoas parece mais uma ferramenta de autopreservação necessária a uma realidade onde o pouco que se conseguia logo acabava e era motivo para tanta confusão e desespero que qualquer ausência de afeto ou amor.

Era muito polida e autocontrolada, gostava de ficar sozinha, acreditava em Jesus, na alma, e agarrava-se na esperança de que ele voltaria para salvar os justos e condenar os injustos. Identificava sua literatura como realista em relação a situação dos oprimidos, condenava vícios como hábitos aprisionantes e geradores de impotência, tinha um grande senso e sede de justiça e também guardava tabus, como qualquer pessoa, não eliminando sua disposição para compreender o mundo da forma mais ampla que podia, assim como sua raiva e suas crises por sua dura vida, que também canalizou como pôde em meio a tanta escassez que, por maior que fosse, nunca arrancava dela sua reflexão constante.

Carolina Maria de Jesus imprime em seus diários mais que palavras articuladas sobre seus dias e sua vivência coletiva na “sala de visita” (cidade) e no “quarto de despejo” (favela), mas a vontade incessante de resistir à luta, alcançar a tranquilidade e deixar seu legado aos seus e a todo o mundo que tiver a oportunidade de lê-la.

## REFERÊNCIA

JESUS, C. M. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Editora Ática, 2018.